

SANTA MARGARIDA DE LOUSADA EM 1758 Memória paroquial, toponímia e património

No regresso à publicação de artigos concernentes às memórias setecentistas do concelho de Lousada, presta-se o presente à divulgação das respostas ao inquérito efetuado à paróquia de Santa Margarida de Lousada que tem a assinatura de inusuais três elementos clericais – abade memorialista, reitor e vigário, respetivamente João de Bessa Ferreira, José Alvares da Silva e Gualter da Costa.

Em outras memórias paroquiais anteriormente divulgadas ficou já manifestado o óbvio valor atribuído pelos relatores aos aspetos de cariz demográfico, geográfico, social e mesmo económico dos territórios que tutelam. O próprio relatório de Santa Margarida quadra aquela recorrente circunstância, evidenciando o carácter único do documento para o conhecimento da realidade histórica para este tipo de circunscrição administrativa em pleno século XVIII.



1. SANTA MARGARIDA DE LOUSADA A PARÓQUIA E A SUA IGREJA

Santa Margarida de Lousada é uma freguesia que se situa a norte do concelho de Lousada e a nascente do monte Calvelo. A sua topografia é particularmente marcada pelo referido monte e pela ribeira que a atravessa. A ribeira de Barrosas é um importante curso de água que nasce ainda no concelho de Felgueiras, percorrendo as freguesias de São Miguel, Santa Margarida e Macieira. As suas águas, principalmente nas vertentes mais declivosas de São Miguel, foram essenciais para a laboração de inúmeros moinhos de rodízio, incluindo dois engenhos pertencentes à Casa do Porto, já dentro dos limites de Santa Margarida. Esta ribeira segue o seu curso por Macieira, desaguando no rio Sousa, no lugar sugestivamente denominado por Moinhos, onde se localiza mais um interessante núcleo de engenhos hidráulicos.

1.1. A paróquia

A primeira referência documental conhecida a esta igreja, ainda com a sua antiga denominação de *Sancto Salvatore de Lausada*, consta das inquirições mandadas realizar no ano de 1220 pelo rei D. Afonso II. O abade Egas Nunes, pároco da freguesia, uma das testemunhas inquiridas, afirmava que a igreja não era do padroado régio, no entanto o rei detinha

alguns reguengos (bens fundiários) dos quais obtinha rendas, cobrando, igualmente, direitos jurisdicionais que decorriam da aplicação da justiça¹.

A igreja de Santa Margarida era detentora de um vasto património que abarcava não só a própria freguesia como se estendia praticamente por todo o território do julgado de Lousada. Esse património é verificável ao analisar o texto das inquirições de Afonso III, realizadas no ano de 1258, em que se mencionam dez casais pertencentes a esta igreja, somente na freguesia, existindo outras propriedades dispersas por freguesias como Alvarenga, Silvares, São Miguel e Boim².

Ainda segundo os registos das inquirições de 1258 sabe-se que o padroado da igreja pertencia a cavaleiros locais que, no entanto, não são identificados. Os privilégios adstritos ao direito de padroado decorriam da fundação e dotação da igreja, sendo considerados como bens particulares que podiam ser transacionados e repartidos pelos herdeiros. Aos padroeiros e seus herdeiros estavam reservadas diversas prerrogativas como a competência de designar o pároco, a arrecadação de alguns tributos a que a comunidade estava obrigada e, por exemplo, a cedência de lugar para sepultura no interior da igreja.

Mais tarde, o padroado da igreja paroquial de Santa Margarida andou na posse dos condes de Vila Nova de Portimão, título nobiliárquico atribuído a D. Martinho de Castelo Branco, em 1504. Este privilégio, assim como todo o património associado aos condes de Vila Nova de Portimão³, acabou por ficar reunido, por via matrimonial, na Casa de Abrantes.

1.2. A igreja

A igreja de Santa Margarida é um edifício globalmente do século XVIII. Trata-se de uma construção cuidada, muito sóbria, cumprido com os padrões de construção da época. A fachada apresenta um portal retangular encimado por um pequeno frontão descontinuado e intercetado pela moldura de um acrotério e cruz latina. Um óculo permite a entrada de luz para o interior da igreja. O entablamento é rematado por pirâmides

¹Estes dados encontram-se disponíveis na edição *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones [Inq.]*. Vol. I, pp. 74 e 167. Ver também Lopes, E.T. (2004) - *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal. p. 235.

²A inquirição da freguesia de Santa Margarida vem editada na obra citada com a designação *Sancti Salvatoris de Lousada Inq.* p. 545.

³Na *Corografia Portuguesa*, Carvalho da Costa refere, erradamente, que o padroado de Santa Margarida andava na posse dos viscondes de Vila Nova de Cerveira, COSTA, A. C. (1706) - *Corografia Portuguesa*. Lisboa: Of. Valentim da Costa Deslandes. Tomo I. p. 400.

FIGURA 1 Igreja de Santa Margarida de Lousada.



e as empenas por cruzeiros. A torre está encostada à parede oeste da igreja, ligeiramente recuada face ao frontispício.

Na parede este encontramos um portal tardo-medieval, em arco de volta perfeita e de aresta chanfrada, testemunho de uma construção anterior, datável de finais do século XV ou inícios do século XVI. Também o óculo da fachada parece ter sido aproveitado dessa época.

No interior há a destacar o retábulo principal que denota acrescentos posteriores a uma base retabular Maneirista. O coroamento e alguns motivos decorativos parecem ter sido acrescentados com talha rocaille, possivelmente da última metade do século XVIII⁴.

2. MEMÓRIA PAROQUIAL DE SANTA MARGARIDA DE LOUZADA: TRANSCRIÇÃO

Enformação do abbade de Santa Margarida de Louzada, sobre o contheudo nos interrogatorios. Por virtude de huma ordem do Muito Reverendo Senhor Doutor Provisor do Arcebispado de Braga, me fez mandado enformar aos interrogatorios inchluss e feita a diligencia necessaria achei o seguinte. **1.º** Esta terra hé da Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, comarca na Provedoria da villa de Guimarains, e na correição da Ouvidoria da villa de Barcellos, termo do concelho de Louzada e freguezia de Santa Margarida de Louzada. **2.º** Hé esta terra da Serenissima Real Caza Estado de Bragança e ao presente hé Sua Magestade Fidelissima, que Deos goarde, admenistrador. **3.º** Tem esta freguezia sincoenta e nove vezinhos, e entre pessoas de sacramento e menores, cento e noventa. **4.º** Está situada, parte em valle, e parte na faldra de hum monte chamado de Santa Catherina e do Calvello. E desta parte se avista para a parte do Sul, a villa de Arrifana de Souza, distante desta freguezia legoa e meia. **5.º** Hé do concelho de Louzada, em o qual se incluhe esta freguezia, cujo concelho comprehende dezoito freguezias, a saber, esta de Santa Margarida, São Miguel, em parte Cernedelo, Macieira em parte, Santa Christina em parte, Avelleda em parte, Alvarenga a maior parte, Silvares toda só duas cazas, Christellos toda, Novegilde em parte, São Paio em parte, Beire em parte, Bitarains em parte, Monte todo, Santa Marinha de Lodares toda, Nespereira, São Vicente de Aboim, São Lourenço das Pias, Meinedo em parte,

que todas comprehende parte de dezanove freguezias sobreditas.

6.º Tem esta freguezia a sua parochia na parte do Nascente. E tem vinte e dois lugares, a saber, Assento, Porto, Moinho do Porto, Ribas, Rabada, Carreira, Covilham, Lavandeira de Baixo, Lavandeira de Sima, Villares de Baixo, Villares de Sima, São João de Baixo e São João de Sima, Cancellia, Curros, Calvello, Villa, Outeiro, Taipas, Deveza, Costa, Louzada. **7.º** Hé o seu orago Santa Margarida. Tem a igreja três altares, hum na capella maior, que hé de Santa Margarida, e dois colaterais na igreja, hum do Senhor dos Remedios, e outro de Nossa Senhora do Rozario. E não tem irmandades. **8.º** Hé o parochio desta freguezia abbade e a sua apresentação hé do Excelentissimo Conde de Villa Nova in totum. Renderá trezentos e sincoenta mil reis certos, mas acha-se pensionada em duzentos mil reis. **9.º** Nada. **10.** Nada. **11.** Nada. **12.** Nada. **13.** Tem esta freguezia três ermidas, hua de Nossa Senhora da Penha de França. Esta pertence ao admenistrador Hieronimo Nunes, da freguezia de São Miguel de Louzada. Outra de São João de Calvello. Outra de Santo Amaro. Estas duas são da devoção do povo e não tem admenistradores. **14.** Somente à ermida de Santo Amaro, algum povo acode de romagem no seo dia a quinze de Janeiro. **15.** A maior quantia de fruttos que produz esta terra hé de pão e vinho verde, e algumas fruttas. **16.** Tem juiz ordinario e camera do concelho de Louzada, em o qual esta freguezia se incluhe, cuja cabeça hé o lugar de Torrão, e está sugeita ao provedor da villa de Guimarains na provedoria, e ao ouvidor de Barcellos na correição. **17.** Nada. **18.** Nada. **19.** Nada. **20.** Não tem correio, costuma servir-se do correio da villa de Arrifana de Souza, distante desta freguezia legoa e meia. **21.** Fica distante da cidade de Braga, cabeça deste Arcebispado, seis legoas e da de Lisboa, sincoenta e três. **22.** Nada. **23.** Tem algumas fontes comuas e de bom as agoas. **24.** Nada. **25.** Nada. **26.** Nada. **27.** Não tem mais couza algua digna de memoria. Serra. **1.º** Tem esta freguezia huma serra chamada o Monte de Santa Catherina ou de Calvello. **2.º** Tem huma legoa de comprido e outra de largura. Principia nesta freguezia e acaba na de São Thiago de Lestoza. **3.º** Toda em os seos braços se apelida com o

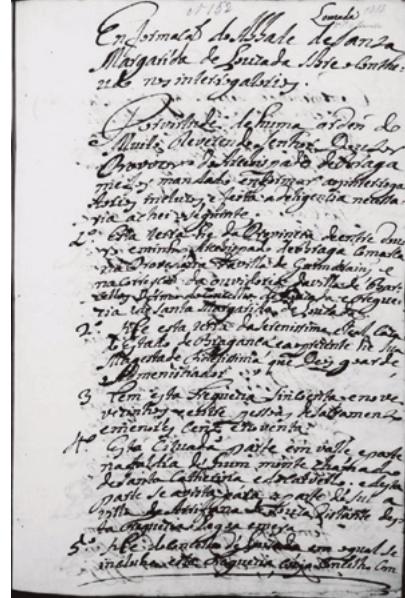


FIGURA 2 Folha de rosto da Memória Paroquial de Santa Margarida. PT/TT/MPRQ/21. N.º 152, M.1313-1318

⁴Sobre a cronologia da igreja de Santa Margarida e algumas circunstâncias da sua construção veja-se Cardoso, C. (2007) – "Inventário de bens da igreja de Santa Margarida [séculos XVIII e XIX]. in *Oppidum*. Lousada: Câmara Municipal. N.º 2. pp. 127-148. Cardoso, C. (2008/9) – "O Tombo da Igreja de São Salvador de Lousada de 1532: estudo e transcrição". in *Oppidum*. Lousada: Câmara Municipal. N.º 3. pp. 153-185. Cardoso, C. (2011) "Visitações de Santa Margarida: estado e obras da igreja (1690-1706)." in *Revista Municipal (Suplemento de Património)*. Lousada: Câmara Municipal. N.º 89.

mesmo nome. **4.º** Não nasce rio della, mas sim varias fontes para todas as partes, e de bomas agoas, como são as três fontes de São Christovão, da freguezia de Santa Maria de Souza. E estas com virtude pella devoção do ditto Santo, aonde na vespora de seo dia concorre muita gente a tomarem banhos, em a ditto agoa. E tem o dito monte no alto hum carvalho com o nome de Carvalhinho de Santa Agueda, que se vê de partes muito distantes. E alguns dizem que do mesmo monte se vê mais distante seis legoas. **5.º** Não tem em si lugares, somente o do Bom Jezus de Barrozas, e o da Ermida, e os mais são da freguezia de Silvares, Souza, Reimonda, Lestoza, Santa Eulallia de Barrozas, Samarim e esta freguezia, tudo pegado ao ditto monte. **6.º** Nada. **7.º** Nada somente boma pedra, para obras de cazas. **8.º** Não tem senão matos chamados queirozes, e não se cultiva, nem dá outros fruttos,

nem ainda pastos de ervas. **9.º** Há hum vestigio de hum capella de Santa Catherina, já arruinada. **10.** Hé de temperamento frio. **11.** Nada, somente aparecem algumas levres e perdizes. **12.** Nada. **13.** Nada, somente o sobredito. Não há rios. E feita a deligencia possivel, não achei mais couza digna de memoria. E por verdade de tudo passei esta, conferida com os reverendos Jozé Alvares da Silva, reitor de Santa Maria de Alvarenga, e Gualther da Costa, vigario de São Miguel de Louzada, ambos meos vezinhos, que commigo assignaram. Hoje, Santa Margarida de Louzada, de Maio 22 de 1758. O abbade, João de Beça Ferreira. O reitor, Jozé Alvares da Silva. O vigario, Gualter da Costa⁵.

⁵IAN/TT, *Memórias Paroquiais*, vol. 21, memória 152, fls. 1313-1318; CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério – *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: Ed. Autor, 2009, pp. 311-312.

3. TOPONÍMIA E PATRIMÓNIO

3.1 Toponímia

Denominação (antiga-1758/actual)	Nota etimológica/Referências bibliográficas/Observações
Assento	J. Pedro Machado é da opinião que o topónimo possa referir-se a povoação importante que ali teve «assento» ⁶ . Cremos que a realidade toponímia do vocábulo «Assento» em Lousada tem nas mais das vezes relação com o assento da igreja, isto é, o local onde está ou esteve primitivamente a igreja paroquial de determinada freguesia, circunstância que parece provar-se em Santa Margarida e já o identificamos na freguesia de Boim.
Calvello/Calvelo	No caso específico, estamos perante um termo que se refere a terrenos calvos ⁷ , isto é, solos algo pobres e de rara presença arbórea, pautando-se basicamente por vegetação pouco abundante e rasteira.
Cancela/Cancela	Do latim « <i>cancellatio</i> ». Terá que ver com uma questão agrária, associada à delimitação de campos aráveis. Quer « <i>cancellata</i> », quer « <i>cancellu-</i> » são parcelas agricultadas ⁸ .
Carreira	Trata-se de um topónimo muito frequente, quer em Lousada, quer na generalidade do país, bem como na vizinha Espanha, especialmente na Galiza. Refere-se a um caminho, ou estrada antiga ⁹ , por onde circulavam veículos puxados por animais usados no transporte de bens e pessoas.
Costa	Parcela de um território marcado por uma topografia acidentada, isto é, de encosta ¹⁰ . Compreende usualmente a superfície a meia altura de um morro que se destaca na envolvente. Situa-se normalmente entre o cocuruto de um monte e o início do vale.
Covilham/Covilhã	Poderá ter origem num nome comum de base «covã». Do latim « <i>covilis</i> », porventura um vocábulo conotado com uma espécie de depressão topográfica, como grutas, cavados, etc ¹¹ .
Curros	A origem deste topónimo não está devidamente resolvida, sendo, contudo, apontada a possibilidade de relacionar-se com uma derivação de «curral». O enquadramento geográfico no aro administrativo de Santa Margarida parece indicar tratar-se de um vocábulo que expressa a condição de sítio fechado, isolado, afastado dos principais aglomerados populacionais, podendo contudo aí ter existido ou não um compartimento onde se guardavam animais.
Deveza/Devesa	Do latim « <i>defensa</i> » = defendida, proibida, adquirindo sentido de «terreno murado», «propriedade coutada», «interdita» ¹² .
Lavadeira de Sima/Lavadeira de Cima	Parece ser indicativo de que no local em outros tempos se lavava roupa, talvez pela existência de uma represa ou levada de água corrente na qual eram colocadas pedras planas em posição oblíqua para servirem de lavadouros. Existe ainda a possibilidade de associar-se à presença de uma ave insectívora popularmente conhecida por lavadeira (<i>Motacilla alba</i>). Afastamo-nos desta opinião para reforçar a de ter sido um lavadouro, pois que será no termo latino « <i>lavandaria</i> » onde plausivelmente radica aquele étimo, que na fonética portuguesa se pode comprovar ¹³ .
Lavadeira de Baixo	Veja-se o anotado anteriormente.
Lousada/Lousada	A origem do vocábulo «Lousada» tem sido apontada para uma questão geológica, sendo atribuída à razão de o concelho de Lousada ser atravessado por rochas metamórficas de corneanas calcossilicatadas, com intercalações de anfibólitos ¹⁴ , cuja afloração se assemelha a lousas, sendo a «separação da rocha em lâminas» ¹⁵ . Embora nada tenham que ver com os vulgarmente chamados xistos, concordamos que se encontre naquelas rochas metamórficas de corneanas a génese do termo «Lousada».
Moinho do Porto	A palavra moinho tem a sua origem no latim « <i>molinum</i> ». Trata-se de local onde existe ou terá existido uma unidade de transformação de cereal, sendo esta provida de um engenho movido a água ou a vento. Neste caso o topónimo refere-se a um engenho de rodízio, que ainda subsiste, sendo indicado como «-do Porto» por integrar a propriedade da chamada Casa do Porto.
Outeiro	Topónimo de origem topográfica. O mesmo que cume, sítio elevado, que se destaca da topografia envolvente. Citamos, como exemplo, a referência a « <i>Octerio</i> » em 1072 (<i>PMH, DC, p. 312</i>) ¹⁶ .
Porto	O vocábulo «Porto» surge por certo aludindo à antiga estrada que cruzando a freguesia de Santa Margarida fazia a ligação para a cidade do Porto e para Trás-os-Montes.
Rabada	J. Pedro Machado coloca a existência deste topónimo em Lousada e aponta tratar-se eventualmente de uma «armação de rede para a pesca no rio» ¹⁷ . Considerando que o termo pode expressar cauda de peixe, rabo de animais ou aquele que segue em último, somos da opinião que «Rabada» deve aqui ser entendido como a denominação de lugar situado no limite da freguesia, no caso no término sul.
Ribas	Ribas deriva do latim « <i>ripa</i> », -æ, e expressa margem ou arriba, tem aqui sentido de cariz geográfico.

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/Referências bibliográficas/Observações
São João de Baixo	Hagiotopónimo presente em razão da existência no lugar de uma capela de invocação a São João. A forma adverbial « <i>de Baixo</i> » surge aqui como indicativo de posicionamento geográfico de um casal entretanto aqui fixado pelo menos desde o século XVI e que é dividido no século XVIII, passando um a chamar-se «de baixo» e o outro, por oposição, «de Cima».
São João de Sima/São João de Cima	Veja-se o anotado anteriormente.
Taipas	Plural feminino de «Taipa». Por taipa entende-se usualmente 'tabique'. É crível que possa estar relacionado com a presença de construções maioritariamente compostas por paredes levantadas em taipa (ripado de madeira e argamassa de terra e barro), especialmente os pisos superiores.
Villa/Vila	Por vila entende-se aqui uma zona onde é evidente a presença de um certo número de casas mais/menos próximas e que se dispõem em redor de uma parcela agrária de boa dimensão, ou unidade agrícola de superior grandeza que o casal. Não raras vezes é indicativo de aglomerado populacional antigo, com raiz baixo-medieval ou mesmo anterior.
Villares de Baixo/Vilar de Baixo	Topónimo com grande representatividade no Norte de Portugal e na Galiza (Espanha), sob a forma simples e sob a forma composta. Do singular feminino Vilar. Para apontar a origem etimológica deste topónimo José Pedro Machado socorre-se de Leite de Vasconcelos [Etnog. II, p. 379] dizendo que é " <i>parte de vila, que foi concedida pelo proprietário a clientes ou a servos para a exploração agrícola</i> " ¹⁸ . É frequentemente atribuído a lugarejo formado por um pequeno núcleo ou aglomerado de casas. A forma adverbial « <i>de Baixo</i> » adquire sentido de posicionamento geográfico relativo a-.
Villares de Sima/Vilar de Cima	Veja-se o anotado anteriormente.

3.2 Património

As Memórias Paroquiais de 1758 referem a existência de três capelas na freguesia de Santa Margarida. São mencionadas a capela de Santo Amaro e a capela de São João de Calvelo, ambas públicas; refere-se, também, uma capela de Nossa Senhora da Penha de França, privada, pertencente a Jerónimo Nunes.

3.2.1 Capela de São João Batista (de Calvelo)

Referida no Tombo de bens da igreja realizado no ano de 1532, esta capela de São João Batista situava-se no casal denominado de São João do Calvelo. Ao longo do século XVIII era sucessivamente mencionada como pública, contudo, não tinha fábrica que a administrasse, havendo vários esforços da comunidade e dos párocos para manter a capela ativa, evidenciando a importância devocional que o templo alcançava localmente. Em 1702 foi reedificada, sendo-lhe colocado um retábulo e frontal de altar. A decadência da capela ter-se-á acentuado a partir do início do século XIX, quando já se encontrava "*totalmente arruinada e sem uso*"¹⁹.

3.2.2. Capela de Santo Amaro

Embora tenha resistido até à atualidade, a capela de Santo Amaro foi alvo de uma profunda remodelação por meados dos anos 70 do século XX, que a descaracterizou completamente. Também referida no Tombo de 1532, circunstância que testemunha a sua antiguidade, a capela situava-se à face da estrada que então estabelecia a ligação entre Guimarães e a vila de Arrifana de Sousa. A frequência e circulação de pessoas poderá ter motivado a sua preservação, contrariando o esquecimento. Foi reedificada em 1706 e recebeu um retábulo novo no ano de 1720. Nos finais do século XVIII voltou a ser remodelada, dependendo-se 25 000 réis²⁰.

3.2.3. Capela de Nossa Senhora da Penha de França
Situada no monte da Costa, a capela de Nossa Senhora da Penha de França foi mandada construir em 1697 por motivação

particular. Embora venha referida nas Memórias Paroquiais de Santa Margarida, nem sempre parece ter sido consensual a jurisdição eclesiástica sobre a mesma. Na documentação existente surge várias vezes referida como pertencente a São Miguel, situação que atualmente se mantém. Esta capela está associada à Casa da Portela.

3.2.4. Capela de Santa Catarina

A referência feita pelo padre memorialista é vaga, contudo pode indicar a existência de algumas ruínas, possivelmente relacionadas com uma ermida dedicada a Santa Catarina – "*Há hum vestígio de hum capella de Santa Catherina, já arruinada*". Não são conhecidos quaisquer vestígios arqueológicos ou fontes documentais que confirmem a existência deste templo.

⁶MACHADO, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 178

⁷FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa: Exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1999, p. 129.

⁸*Idem*, p. 134.

⁹MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. I, p. 360.

¹⁰*Idem*, p. 460.

¹¹FERNANDES, A. de Almeida - *op. cit.*, p. 225.

¹²MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, p. 503.

¹³PEIXOTO, Pe. Francisco A. - "*Louzada: sua origem e antiguidades*", in «*Jornal de Louzada*», nº 410, de 13.06.1915, p. 1.

¹⁴NOVAIS, Hugo - *Lousada Geológico: História, Toponímia e Património*. Lousada: Câmara Municipal, 2016, p. 21.

¹⁵*Idem*, p. 97.

¹⁶MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. III., p. 1109.

¹⁷*Idem*, p. 1231.

¹⁸*Idem*, p. 1477.

¹⁹Cardoso, Cristiano - "Inventário de bens da igreja de Santa Margarida (séculos XVIII e XIX)", in *Oppidum: revista de História, Arqueologia e Património*, nº 2. Lousada: Câmara Municipal, 2007, p. 131.

²⁰*Idem*, p. 132.